



As três companhias aéreas nacionais estão inadimplentes e, por isso, não podem participar de licitações para servir a FH

# 10 ABR 2002 <sup>FHC - Viagem</sup> Sem asas para voar

JORNAL DO BRASIL

DIEGO ESCOSTEGUY

BRASÍLIA – A sala 108 do Anexo II do Palácio do Planalto ficou às moscas na última segunda-feira. Seria lá, às 10h, a entrega dos envelopes com as propostas na licitação para as viagens internacionais da comitiva presidencial. Nenhuma companhia aérea apareceu, nenhum envelope foi enviado. Sem interessados, a licitação foi anulada. O presidente Fernando Henrique Cardoso corre o risco de ter que voltar a voar no *Sucatóo*, o já aposentado Boeing presidencial.

Apesar do desinteresse das empresas, a Presidência da República insiste. Informa que vai preparar nova concor-

rência, nos mesmos moldes da anterior.

É melhor a comissão de licitações correr com a papela-da. Afinal, pode não haver tempo hábil: o contrato da TAM com a Presidência para as viagens internacionais vence no dia 10 de outubro.

Mesmo que seja feita nova licitação a tempo, o presidente ainda assim corre o risco de ter que se sentar mais uma vez nas desconfortáveis poltronas do *Sucatóo*.

O motivo está no edital de licitação. Mais precisamente, no item 3.2.2. Ele estabelece que a empresa contratada não pode estar em situação “inidônea” com qualquer órgão da administração pública. Outras exigên-

cias do edital são que a companhia seja brasileira e opere linhas regulares para o exterior.

O problema é que Varig, Vasp e a própria TAM – as únicas companhias brasileiras que mantêm linhas internacionais regularmente – têm o registro de “inadimplente” no Cadin, o cadastro em que estão registradas as empresas devedoras da União. Assim, não podem se habilitar para a licitação.

As empresas correm o risco de perder um belo filão. O contrato atual da TAM, por exemplo, é de R\$ 3,9 milhões por um período de um ano. Apenas por ele a empresa já recebeu R\$ 3,6 milhões.

A TAM estava realizando as viagens internacionais de

Fernando Henrique antes mesmo da celebração do contrato atual. A empresa começou a fazer o serviço logo depois do susto que o vice-presidente Marco Maciel sofreu numa viagem a bordo do *Sucatóo*. Em dezembro de 1999, o velho Boeing presidencial quase entrou em pane numa viagem à China, tendo sido obrigado a fazer um pouso forçado na Holanda. Foi o suficiente para assustar a Presidência e forçar a contratação em caráter emergencial, sem licitação, da TAM.

Daquela data até a assinatura do contrato, em outubro de 2001, a TAM recebeu pagamentos por viagem. Em 2001, foram R\$ 2,7 milhões.